REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 358

1 DE DEZEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Está em Lisboa Camillo Castello Branco, o eminente litterato cuja persistente enfermidade tanto tem preoccupado todos os seus amigos, e todo o paiz que o admira e que lhe quer como a uma das suas mais resplandecentes glorias litterarias.

Felizmente o grande escriptor, apesar de ainda muito alquebrado pela doença, tem experimentado algumas melhoras, que fazem prever mais ou menos proximamente completo restabelecimento.

Camillo Castello Branco esteve primeiro hospedado no Hotel Universal e depois alojou-se em casa do seu particular amigo o sr. conselheiro Peito de Carvalho, onde actualmente está.

Tanto n'uma parte como na outra o glorioso homem de lettras tem sido muito visitado, pelos numerosos amigos que tem na capital e por muitos admiradores do seu extraordinario talento.

A redacção do OCCIDENTE dá as boas vindas ao illustre escriptor e faz sinceros votos pelo seu prompto e completo restabelecimento.

Ha uns dias a esta parte todos os jornaes de Madrid teem-se occupado muito de Portugal e de uma maneira pouco agradavel para nós. Entretanto temos que confessar que os hespanhoes tem carradas de rasão e que urge em nome da justiça e do bom direito dar-lhes prompta rasão, e fazer com que para o futuro se não repitam os factos de que elles nos incriminam.

Todos os jornaes de Madrid tem tratado a questão no mesmo tom e sob o mesmo ponto de vista, e chegado a esta conclusão muito pouco lisonjeira para Portugal: A propriedade intellectual em Portugal é um roubo!

Para pormos os nossos leitores ao facto do assumpto, traduzimos do primeiro jornal hespanhol que nos veiu á mão «*O Estandarte*» o resumo da questão, que elle trata sob esta epigraphe «*A propriedade intellectual dos hespanhoes em Portugal*».

«Apesar d'existir entre o visinho reino de Portugal e a Hespanha uma convenção litteraria que data de 1881, os nossos escriptores e musicos queixam-se amargamente do que com elles se dá nas principaes cidades portuguezas. As obras dramaticas dos poetas hespanhoes traduzem-se e põem-se em scena sem sua authorisação e das producções musicaes tiram os numeros ou trechos que querem, adaptando-os a espectaculos portuguezes.

«As *Galerias dramaticas de administração*, que velam pelos interesses dos auctores hespanhoes teem em Lisboa um intelligente e zeloso representante que tem feito junto do ministerio do interior quanto possivel para que se cumpram os preceitos da convenção entre ambos paizes, mas sendo isso inutil tem tido que recorrer aos tribunaes de justiça em defesa da propriedade dos auctores hespanhoes.

«Foi isto que teve que fazer ultimamente contra o emprezario do theatro do Rato onde se representava uma revista intitulada *Az de Copas* com musica da zarzuela *Cadiz*, mas esse emprezario o sr. Jacobetty, desappareceu de Lisboa temendo o embargo que contra elle ordenou o tribunal; de modo que os nossos auctores ficam sem cobrar os direitos que segundo o tratado lhes pertencem e além d'isso o seu representante perde as sommas dispendidas em pedir justiça. O mesmo representante demandou o editor d'um almanach em que se publicou parte da mesma zarzuela *Cadiz*, mas os tramites são tão demorados que quando houver sentença já terão desapparecido os exemplares do livro perseguido.

«Citamos estes exemplos para demonstrar que na practica é illusoria a convenção de 1881 e que é de todo o ponto necessaria a intervenção do ministro de Hespanha em Lisboa, afim de conseguir que sejam respeitados os direitos dos auctores hespanhoes.»

«Tem rasão *El Correo* a quem pertencem estas linhas e é de esperar que o nosso ministro em Lisboa acceda a este pedido que por meio da imprensa lhe fazem os auctores e editores hespanhoes».

É isto o que dizem os jornaes hespanhoes e sem querermos tratar a questão especial com referencia á peça citada — que não sabemos se tem ou não musicas da *Cadiz*, ao individuo mencionado, que não sabemos se foi ou não emprezario do theatro do Rato, e ao almanach alludido, que nunca vimos, não podemos deixar de confessar que factos semelhantes se tem dado muitas vezes com menosprezo da justiça e com prejuizo de direitos garantidos pela lei e que é necessario pôr cobro d'uma vez para sempre a essas illegalidades e a estes abusos, que não só ferem o bom direito, como nos fazem representar um papel odioso no estrangeiro.

São só tres os paizes com quem Portugal tem convenção litteraria, a Hespanha, a França e a Belgica, e portanto só os authores de obras publicadas pela 1.ª vez na Hespanha, em França ou na Belgica tem em Portugal direito de propriedade d'essas edições. D'essas tres convenções a que garante mais amplos direitos é a hespanhola.

Em virtude d'ella o auctor d'uma obra publicada em Hespanha goza em Por-

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

(Segundo photographia de A. S. Sousa)

tugal os mesmos direitos que a nossa lei concede e garante aos auctores nacionaes, do mesmo modo que a obra portugueza goza em Hespanha dos mesmos direitos das obras hespanholas.

Portanto todo o auctor d'uma obra litteraria ou artistica publicada em Hespanha, depois do tratado de 1881 gosa em Portugal da propriedade d'ella durante toda a sua vida e os seus herdeiros durante 50 annos depois da morte do auctor, como o Codigo Civil portuguez estatue.

E estes direitos são concedidos aos auctores d'obras publicadas em Hespanha, independentemente de registo previo e das formalidades que são exigidas aos francezes e aos belgas, e a convenção actual com a Hespanha, resume-se n'este principio. «Toda a obra que tem direito de propriedade em Hespanha, tem-n'o em Portugal e vice-versa.»

Ora desde o momento que isto é assim, é evidente que nenhuma obra hespanhola póde ser traduzida e publicada sem consentimento do seu auctor ou editor, e que nenhum trecho de musica póde ser executado publicamente sem a mesma auctorisação.

Os auctores hespanhoes teem em Lisboa um representante, o sr. Valle, proprietario d'um estabelecimento de perfumarias na rua Nova do Carmo, que está auctorisado legalmente para tratar todos os negocios relativos a direitos de propriedade de obras hespanholas e que é um cavalheiro amabilissimo, muito tratavel e muito conciliador.

Além d'isso os auctores hespanhoes não tem as exigencias muitas vezes disparatadas dos editores francezes — disparatadas em relação ás condições excepcionaes do nosso meio litterario e theatral — e os contractos que elles, por intermedio do seu representante, propõe são muito acceitaveis e equitativos. E apesar da differença enorme que ha entre os direitos de auctor em Hespanha e os direitos de auctor em Portugal, os escriptores hespanhoes prestam-se a receber metade dos insignificantes direitos d'auctor que entre nós se pagam e a correr com os traductores das suas obras, as eventualidades do bom ou mau exito d'essas obras.

E sendo tão conciliadores, como são, os escriptores hespanhoes e os compositores de musica, mostram bem que o seu fim principal é muito mais fazer reconhecer e valer um direito, do que enriquecer com o dinheiro que d'aqui lhes póde vir.

Com os francezes não se dá este caso; ou por ignorarem as condições do nosso mercado, ou por qualquer outro motivo, são d'umas exigencias quasi impossiveis de satisfazer. Não querem saber de riscos, e não se sujeitam a receber direitos d'auctor em relação ao numero de representações; o unico contracto que fazem é a venda da peça, venda por que d'ordinario nunca pedem menos de mil francos.

E entretanto deve-se notar que os hespanhoes, muito mais que os francezes, tinham motivos para serem exigentes, porque ao passo que os auctores francezes perdem o direito da traducção das suas obras impressas, dentro d'um pequeno praso, os hespanhoes conservam esse direito por toda a sua vida, direito que passa aos seus herdeiros por 50 annos depois da sua morte.

Ora sendo assim, nem ao menos se póde allegar a exhorbitancia de preço que os hespanhoes pedem, a violencia que sobre nós exercem, firmando-se na convenção que os protege, para, não justificar mas ao menos desculpar ou attenuar o abuso e a transgressão da lei.

E apesar d'isso o que acontece?

Acontece exactamente aquillo de que se queixam agora, e com tanta razão e com tanta justiça os auctores hespanhoes.

A convenção internacional garante-lhes os seus direitos, mas as nossas leis são impotentes para tornar effectiva essa garantia.

Um auctor acha-se roubado na sua propriedade litteraria; recorre ao Governo Civil, ahi mandam-n'o para a Boa Hora, e começam as tricas judiciaes. O roubado para fazer valer os seus direitos e castigar o ladrão, tem que começar por dispender grossas quantias, e no fim de muito tempo, de muitos incommodos e de muitas despezas, alcança sentença a seu favor, mas ordinariamente quando essa sentença vem, já se não póde executar, ou porque não se encontra o reu, ou porque não tem bens que possam responder pelos prejuizos causados.

E isto, que se dá para garantir os direitos de propriedade litteraria a estrangeiros, dá-se tambem, e do mesmo modo, para garantir os direitos de propriedade litteraria aos nacionaes.

É necessario, é indispensavel, é urgente que se trate seriamente d'isto, que se reformem as leis de modo que um homem a quem roubam uma peça ou um romance, possa proceder contra quem o roubou, do mesmo modo que um homem a quem roubam um relogio ou uma bolsa com dinheiro procede contra o ladrão.

Ha muitos annos nomeou-se uma commissão para organisar um codigo de theatros que regulasse d'uma maneira prompta, rapida e justa, todas as questões que se levantassem entre as emprezas e os artistas, entre os theatros e os auctores.

A commissão nomeou-se, mas aconteceu o que costuma acontecer com quasi todas as commissões, e o codigo nunca appareceu.

E todos os dias ahi se levantam conflictos que os queixosos tem que deixar correr ao Deus dará, porque se se mettem nos tribunaes ordinarios, ainda mais caro lhes sae o negocio e mais queixosos ficam.

Voltaremos ao assumpto em que hoje apenas tocámos ao de leve, provocado, pelas reclamações justissimas da imprensa hespanhola.

S. Carlos descançou um momento de novidades theatraes, e n'estes dez dias decorridos, apenas nos deu uma primeira representação de pouca importancia — a *Lucia di Lamermoor*.

Lucia era a sr.ª Regina Paccini, já muito ouvida e muito applaudida n'esta opera, de que canta o *rondó* com distincta perfeição, havendo apenas para notar este anno, em honra da illustre e novel primadona, os grandes progressos de escola e de correcção, de que no desempenho d'esse trecho fez prova brilhante.

Do resto do desempenho que teve este anno a *Lucia* é melhor não fallarmos; e o publico fez-lhe recepção tal, que a opera nunca mais voltou á scena.

Este repouso de S. Carlos é de pouca duração porém; e o theatro lyrico vae entrar de novo n'um grande periodo de actividade.

Para o fim d'esta semana em que escrevemos já se annunciam duas primeiras representações; na quinta-feira a *Maria di Rohan*, e na sexta os *Puritanos*, e para a semana o debute da Pasqua, e logo a seguir as 10 recitas da Van-Zandt com um reportorio variado.

No theatro portuguez a grande novidade é o *Durand e Durand* a afamada comedia de Valabregue e Ordonneau que em França teve um *successo* collossal, e que em Lisboa continua esse *successo* no theatro do Gymnasio, onde subiu á scena na semana passada com um desempenho magnifico e um exito extraordinario, um d'esses exitos ruidosos e unanimes que raras vezes apparecem nos nossos theatros.

O *Durand e Durand* é, no seu genero, uma verdadeira obra prima, uma das comedias de *quiproquos* mais engraçadas e mais bem feitas que conhecemos no reportorio francez, e que explica pelas gargalhadas unisonas que provoca a fama universal de que gosa.

Não temos hoje espaço para fallar do desempenho do *Durand é Durand*, em que Valle é positivamente maravilhoso, e em que Barbara é magnifica e em que todos os artistas do Gymnasio disputam primasias: fica para a outra vez juntamente com a companhia russa de prestidigitação que está dando espectaculos na Trindade.

Gervasio Lobato.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

E A FESTA DO SEU 66.º ANNIVERSARIO

As demonstrações de respeito e admiração que a cidade de Coimbra acaba de prestar ao decano dos jornalistas portuguezes, o sr Joaquim Martins de Carvalho, foram uma ruidosa festa democratica que devia trazer ao coração do incansavel jornalista, doces compensações dos seus dias de lucta e de amarguras.

Joaquim Martins de Carvalho tem sido um luctador intransigente, pela liberdade, pelo engrandecimento da terra em que nasceu, pela justiça, pelos progressos artisticos dos filhos de Coimbra, e por isso os seus conterraneos, bem compenetrados dos serviços que elle lhes tem prestado, quizeram testemunhar bem alto o seu reconhecimento, como bem alto Martins de Carvalho tem clamado pelo bem dos seus concidadãos.

Foi a Associação dos Artistas de Coimbra que tomou a iniciativa das publicas demonstrações que se realisaram n'aquella cidade, para festejar o 66.º anniversario de Martins de Carvalho, no dia 19 de novembro findo.

N'esse dia verificou-se um cortejo civico que sahiu da casa da Associação dos Artistas de Coimbra, pelo meio dia. Compunha-se o cortejo dos alumnos das escolas primarias com os seus professores, de socios das differentes associações estabelecidas em Coimbra, levando os seus estandartes, de grande numero de operarios e da philarmonica Conimbricense.

O cortejo passou na praça 8 de Maio, rua do Visconde da Luz, rua do Corpo de Deus, rua das Figueirinhas e voltou á praça 8 de Maio, recolhendo os estandartes na casa da Associação dos Artistas.

Quando o cortejo passou em frente da casa do jornalista, as creanças das escolas entraram nas officinas do *Conimbricense* a depositar ramos de flores, depois entraram os representantes das differentes associações que figuravam no cortejo, offerecendo a Martins de Carvalho diplomas honorificos, felicitações, corôas e outros brindes.

O benemerito jornalista, no meio da maior commoção, recebia estas offertas consoladoras, justo premio de tantos annos de infatigavel trabalho.

Em sua homenagem, resolveu a camara municipal deferir o requerimento que lhe fez o Monte-pio Conimbricense para que á rua das Figueirinhas fosse dado o nome *Martins de Carvalho*, em memoria de ali morar este jornalista.

A noite teve logar, na sala da Associação dos Artistas de Coimbra, uma sessão solemne e festiva a que concorreram as auctoridades e vereadores de Coimbra, muitas familias distinctas, representantes da imprensa, das associações e classe operaria e o sr. conde de Valenças e conselheiro Dias Ferreira, que foram de Lisboa expressamente para assistirem a esta reunião.

A grande sala estava deslumbrante; adornada com bandeiras e estandartes das associações, flores e espelhos reproduzindo a brilhante illuminação que innundava a sala. Uma orchestra regida pelo sr. Augusto Paes e expressamente organisada para aquelle acto pelo sr. Ricardo Diniz de Carvalho, tocou a symphonia de abertura da sessão, continuando depois a tocar nos intervallos dos discursos.

A sessão foi aberta pelo sr. Augusto José Gonçalves Fino, presidente da associação, que declarou o fim d'aquella reunião e propoz que uma commissão composta de membros da direcção, fosse a casa do sr. Joaquim Martins de Carvalho, convidal-o para vir assistir áquella solemnidade.

Assim se fez, e Martins de Carvalho, acompanhado pela commissão, deu entrada na sala, sendo recebido com prolongados applausos.

Então o presidente da Associação dos artistas convidou a tomar a presidencia o sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, presidente da camara municipal, e este cavalheiro convidou para secretarios os srs. Antonio Augusto Gonçalves, vereador da camara e dr. Francisco do Amaral Guerra, primeiro official aposentado do governo civil.

Varios oradores fallaram a respeito de Martins de Carvalho, e foram os srs. Augusto Pinto Tavares, decano da Associação dos Artistas, José Maria Teixeira Neves que recitou uma poesia, Ricardo Diniz de Carvalho, conde de Valenças e conselheiro Dias Ferreira.

Estes dois ultimos oradores abrilhantaram aquella festa com a sua palavra eloquente e auctorisada, e foram calorosamente applaudidos.

Não temos notas dos seus discursos para aqui os reproduzirmos, mas n'uma folha periodica encontramos o resumo do discurso do sr. conde de Valenças, pelo que se póde fazer ideia da sua importancia.

«O sr. conde de Valenças fez um discurso e uma conferencia; um discurso que fallava ao coração do publico de homens laboriosos que enchia a enorme sala da Associação; uma conferencia, isto é, a segunda parte, que se dirigia ás auctoridades, professores e familias da cidade que abrilhantavam a festa. — Assim fallou dos homens novos da epoca actual, fortes, atravez as luctas da liberdade e do trabalho, fazendo a civilisação com as suas paixões, e as paixões do seu tempo, revolucionando tudo no dominio das idéias que se traduziram em factos scientificos, politicos, litterarios e artisticos; citou os homens illustres da cidade, exemplos de suas asserções. E entre elles Joaquim Antonio de Aguiar, Filippe Simões e outros muitos, entre os quaes Joaquim Martins de Carvalho e Antonio Jardim.

N'este ponto, citando o nome de seu tio, foi-lhe cortada a palavra com palmas, bravos e applausos, que commoveram sobremaneira o orador; continuando, destaca em seu discurso a Martins de Carvalho, e, contando a historia de Latour

d'Auvergne, a qual impressiona vivamente os ouvintes, compara aquelle homem honesto, modesto e util a Martins de Carvalho.

Latour d'Auvergne, disse o conde de Valenças, nunca quiz ser senão um granadeiro. Martins de Carvalho não mais quiz ser do que um jornalista (muitos applausos).

Não podemos seguir passo a passo o orador, nem quando descreve o papel levantado e brilhante da imprensa, nem quando descreve a physionomia dos homens novos, intemeratos ao meio da corrente das ideias que avassalam o seculo.

Aqui definiu os homens de escola romantica e os da escola positiva; e de como a victoria da Inglaterra sobre a França, em Waterlôo cria as paixões individuaes do romantismo que vão traduzir-se na consciencia dos politicos, dos oradores, dos poetas e até dos lettrados.

É brilhante esta sua exposição; brilhante na alteza das ideias; brilhante na fórma quente que as veste; por isso, diz elle, as revoluções se fizeram com versos — a da Grecia, em 1820, com os cantos populares do conde de Marcellus; a de 1830, na França, com os versos de Hugo e Lamartine; a de 1848 na Italia com as poesias de Mamelli — *Fratelli d'Italia;* as nossas com hymnos e cantos, em que destacam os de 20 e o da Patoleia. Vem a epoca positiva, diz elle, sente-se aproximar, no movimento economico que preoccupa a Europa desde 1863; preadvinha-se nas grandes emprezas da iniciativa particular, a que correspondem logo as da iniciativa das poderosas companhias e a dos governos.

Cita os nomes de Samuel Cunard, de Peabody o philantropo, que lega 12 milhões aos pobres de Londres; cita as cidades operarias, nascendo por toda a parte, na Inglaterra, na Hollanda, na Prussia, e na Belgica, em 1886, depois das greves do Borinage; em fim n'este ponto tem o auditorio suspenso sobre o mundo dos negocios, que elle attribue ao genio pratico, humano, positivo da epoca, creada pela victoria da Allemanha sobre a França. Epoca de bom senso, dos cuidados terrenos, que devia succeder á do sentimento e do coração, e que vinha da educação pratica e experiente dos homens e povos atravez as revoluções e enorme movimento scientifico d'este tempo; principal em tudo, e avantajando-se nos inventos e descobertas attinentes a dar commodos, bem estar, civilisação.

Brilhante o orador. — E logo mostra de como Martins de Carvalho é o homem do seu tempo, por se ter associado e promovido elle proprio as exposições de Coimbra, os melhoramentos e interesses da cidade, que sendo o coração do paiz, são os melhoramentos e interesses de todos; de como elle tem dado, com paixão incansavel, — cuidados, intelligencia e tempo a esta immensa cruzada, que tem exhaltado e defendido na imprensa ha 40 annos.

Emfim que diremos mais — o orador continua, e tres vezes em seu discurso é interrompido pelos applausos, que se prolongam; a final termina com uma brilhante imagem, a da figura que está no tumulo de Fox em Werthiminster — um negro que estende os braços, cujos ferros caem partidos! »

Terminou a sessão o sr. presidente fazendo o elogio do procedimento da Associação dos Artistas de Coimbra, em ter promovido aquella festa e louvou os oradores, especialmente os srs. Conselheiro Dias Ferreira e conde de Valenças que tanto a tinham abrilhantado com os seus eloquentes discursos.

Martins de Carvalho assistiu commovido a esta festa feita em sua honra, e tão commovido, que foi o sr. conselheiro Dias Ferreira que por elle agradeceu á assembléa as homenagens que acabava de prestar ao benemerito redactor do *Conimbricense.*

Assim concluiu a festa celebrada em honra de Joaquim Martins de Carvalho, o grande liberal, um dos poucos que restam d'esses enthusiastas da liberdade, na epoca decadente que vamos atravessando.

Caetano Alberto.

AS NOSSAS GRAVURAS

O VAPOR DE RECREIO «AMELIA»

Aos barcos de recreio registados na Real Associação Naval, e que fazem parte da sua flotilha, veiu ultimamente juntar-se o bello vapor *Amelia*, pertencente a Sua Alteza o Principe D. Carlos que é seu commandante e vice-commodoro da mesma associação.

O vapor *Amelia* arma em palhabote e tem 147 toneladas com uma machina da força de 30 cavallos.

Este navio foi adquirido em Inglaterra; é todo de ferro e de construcção muito elegante, como se póde vêr na gravura que publicamos, feita sobre um gracioso desenho do sr. José Pardal, distincto collaborador artistico do OCCIDENTE.

A ante-camara e camara real são feitas a capricho, de diversas madeiras das mais apreciaveis onde se encontra o *olho de perdiz*. A mobilia é de muito bom gosto e vêem-se ali algumas obras d'arte de grande apreço, entre estas umas aguarellas de Sua Alteza o Principe D. Carlos.

O desenho representa o vapor *Amelia* na viagem que fez ha pouco a Setubal conduzindo os duques de Bragança. No topo do mastro da proa leva içado o galhardete, distinctivo de vice-commedoro da Real Associação Naval; no mastro grande vê-se um galhardete branco com a cruz de Aviz, distinctivo de Sua Alteza o Principe D. Carlos; no outro mastro vae o mariate J. B. C. S. pelo qual este barco pode ser reconhecido em qualquer porto em que entre ou por qualquer navio ou posto semaphorico por onde passe á vista.

É mestre d'este navio o sr. José Guerreiro Martins, o qual tem dado boas provas da sua competencia no difficil encargo que lhe foi confiado. Elle não desampara o posto na ponte, d'onde vigia o bom andamento do navio onde vão existencias preciosas entregues á sua guarda.

O vapor *Amelia*, que desde o mez d'agosto se acha em Lisboa, fez repetidas viagens durante a epoca balnear, a Peniche, Setubal, Cascaes, etc., conduzindo Suas Altezas o Principe D. Carlos e princeza Amelia.

EGREJA MATRIZ DE CAMINHA

A paginas 128 do presente volume publicámos uma gravura representando a porta lateral da magnifica egreja matriz de Caminha, e no artigo com que acompanhámos essa gravura demos noticia da fundação d'este sumptuoso templo.

Hoje, cumprindo a promessa que então fizemos de dar mais algumas gravuras d'este bello edificio, apresentâmos a sua fachada principal, onde se admira o rico portico, encimado pela formosa janella circular.

Como em todas as construcções da epoca de D. Manoel, sobresaem n'esta os formosos e delicados rendilhados em pedra, verdadeira belleza d'aquella architectura floreada.

A torre, com suas ameias, é das poucas que ainda se conservam no nosso paiz com o caracter da sua primitiva construcção, e os amadores d'arte e admiradores d'estas preciosidades que o passado nos legou, encontram ali um exemplar perfeito e completo, na villa de Caminha, lá no extremo norte da pittoresca provincia do Minho.

QUISSANGA

Na margem esquerda do Zaire encontra-se Quissanga, um dos pontos mais importantes d'aquella margem desde a foz do rio até Noqui.

Apesar da sua insalubridade, como a de todos os terrenos alagadiços do baixo Zaire até Boma, Quissanga é bastante commercial como ponto de embarque e desembarque muito accessivel. Tem tres feitorias, uma portugueza, outra ingleza e outra hollandeza.

A gravura que publicâmos repreduz uma magnifica photographia do sr. Moraes, e não póde ser mais pittoresco o ponto escolhido, que nos dá boa idéa da abundante vegetação que cresce n'aquelles terrenos.

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA[1]

(Conclusão)

Não queremos terminar esta serie de artigos sem nos referirmos á vitrine geologica do pavilhão das minas.

Esta installação é a que tem mais elevada importancia, por isso que, além de representar a constituição geognostica de Portugal, expõe a escala ascencional da vida no mundo.

A serie estratigraphica, segundo a sua nomenclatura, a geralmente usada na sciencia, não cria interesse senão no espirito dos que tenham um estudo regular de geologia paleontologica e archeologia. E, francamente, deante de tantos nomes estranhos, de conceito desconhecido para a grande maioria dos visitantes, a serie estratigraphica, se exceptuarmos a conceituada folha *Novidades*, não tem sido analysada pela imprensa na reportagem da exposição. Comtudo estão n'ella indicados muitos dos materiaes que compõem o nosso planeta, e diversas classes, ordens, generos e especies de animaes e plantas, que na successão dos tempos, foram apparecendo e desapparecendo, na face do globo.

E, para que se faça uma ideia clara do que isso seja, estudamos de entre livros recentes referidos ao nosso assumpto, uma obra nacional, ainda em publicação, e á qual por mais de uma vez O OCCIDENTE tem prestado a devida justiça; queremos fallar da *Historia da Luzitania e da Iberia* pelo sr. João Bonança; — é este trabalho, cujo valor scientifico e pratico se acha já comprovado entre nacionaes e estrangeiros, tanto pelo methodo original e singularmente orientado como pela lucidez e elegancia do seu estylo, — que nos ha de servir de bussola.

É pois a *Historia da Luzitania e da Iberia* que tomâmos por guia para a viagem pela serie estratigraphica da secção geologica.

*
* *

A terra brilhou longos seculos como um sol nos espaços celestes; é a este primeiro periodo que se denomina *era estellaria*. Percorrendo as frias regiões dos espaços interplanetarios, a terra foi perdendo o seu calor e luz natural até se converter n'um globo solido e opaco, em cuja superficie, ainda demasiado quente, — *a vida* não podia existir. É o que se chama *era azoica*, isto é, sem animaes.

As rochas expostas na installação geologica, pertencentes ao periodo azoico, são: *gneiss, granitos, shistos e mica-shistos.*

Em seguida vem o grupo paleozoico, — eras dos animaes antigos.

O grupo paleozoico, segundo a *Historia da Luzitania e da Iberia*, abrange as seguintes eras do mundo animado: — *annelidicrustaciaria* ou dos crustaceos e annelados; *piscinsectaria* dos peixes e insectos; e *reptilaria* ou era em que appareceram os primeiros reptis.

As formações geologicas *primarias* do globo são, por sua ordem, as seguintes: — *Cambriano, siluriano, devoniano, carbonifero e permeano.*

Os fosseis que representam a primeira edade (cambriano) da primeira *Era*, não se encontram entre os que expõe a secção geologica. Os da segunda edade (siluriano inferior) denominada por João Bonança *calapeciano* (do coral *calapecia*, proprio só d'esta formação geologica) acham-se n'esta installação representados sob o titulo de *siluriano inferior*, pelas seguintes especies: cruziana furcifera e saportense; didymograpto murchisoniano: dalmanita social; calymene tristania, dolabra luzitanica; illeno luzitanico; placoparia tournemineа; e algumas orthes.,

O silurico superior constitue a primeira edade da segunda era do mundo animado, denominada *monograpsiana* em virtude de apparecerem, n'esse tempo só, os hydroides monograptos; é representado na installação pelas seguintes especies: — monograpto turriculado, colono e priodonte; cardiola interrupta; e pelas rochas shisto argiloso chiastolithico e quartzoso.

O systema *devonico* constitue a segunda edade da segunda era do mundo animado, *p'scinsectaria*, em que se criam e apparecem os peixes, chamada *cupressoniana* pela razão de ser caracterisada pelo echinoderme *cupressocrino*. As especies particulares ao *cupressoniano*, são: dalmanita estellifero; esperifero cultrijugado e paradoxo; estrophonema phillipsia; rhynchonella orbignyana; fenestella prisca.

O systema *carbonico* constitue a era reptilaria, ou como dissemos, aquella em que apparecem os primeiros reptis.

Segundo a divisão hoje adoptada geralmente pelos geologos, o carbonico, ou dizendo melhor, o *carbonifero* divide-se em tres aterros ou andares: — inferior, medio e superior.

O *carbonifero* unido com o *permeano* (ultimo terreno das formações primarias, como o *triasico* é o primeiro das secundarias) que immediatamente se lhe segue, constituem duas edades geologicas: — *anthracomarsiana* e *walchiana*, por terem existido, unicamente n'estas edades, os arachnidos *anthracomartos* e as coniferas *walchias*. O car-

[1] Vidè OCCIDENTE, vol. XI, n.ºs 343 a 353 e 356.

bonifero *inferior* está ali representado por alguns exemplares de grauwacka, calcareo e shisto tegular, e pelos seguintes fosseis: — calamita transicional; posidonomya becheria; e goniatida crenistrio. O carbonifero *supérior* é representado petrologicamente com alguns *conglomerados*, *anthracita* e *hulha*; e, paleontologicamente, pelos seguintes fosseis: annularia brevifolia e longifolia; esphenopter flexuosa e cherophylloide; odompter bradia; pecopter leptophyllia e arborescente; allopter lonchitica, polypodita elegante; eispidita.

Na vitrine geologica não estão os fosseis da formação *permeana*, existente em Portugal! Os fosseis caracteristicos d'esta formação, ultima dos terrenos primarios, são: — a walchia pinniforme e filiciforme; o hemetelita e calamita gigantes.

mesmos fosseis como caracteristicos da *Epoca permeana*.

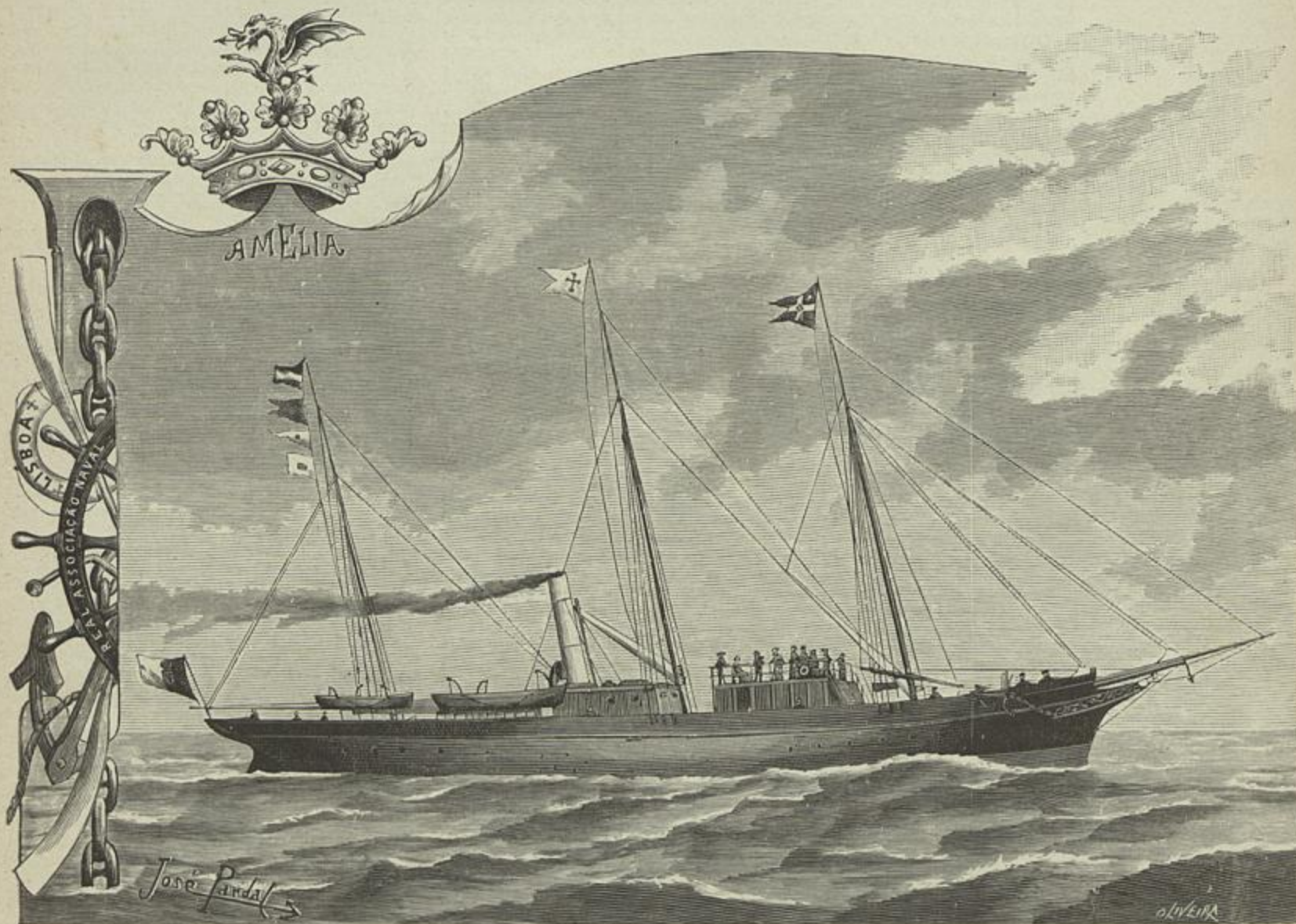
Diz-se hoje porém que a formação em que apparecem as *walchias* não é *permeana*, visto Geinitz ter encontrado a *walchia pinniforme* na 4.ª das suas 6 zonas carboniferas, e a 4.ª zona pertence ao carbonifero medio.

Mas a classificação, feita por Geinitz, do carbonifero em multiplicadas zonas, foi abandonada depois dos grandes trabalhos de Shimper, Saporta e Lesquereux. E no tratado de geologia, de L'Apparent a pag. 82, se diz «..... que o proprio Geinitz *mais tarde* reduziu as suas 5 ou 6 floras carboniferas a 3, ás quaes se deve juntar a do grez vermelho permeano, caracterisado pelas coniferas do genero *walchio*».

Nas *camadas de transição* encontram-se, por

tico do notavel trabalho de João Bonança, porque, — tendo eu, em outros artigos do OCCIDENTE demonstrado a lucidez da exposição, as affirmações fundadas em factos comprovados pela boa sciencia, e o merecimento litterario e historico da popularissima *Historia da Luzitania e da Iberia*. — vemos agora, n'esta obra nacional um auxiliar indispensavel para os que querem estudar com o fim de saber, e não para baralhar as questões.

E com esta obra, d'um particular (!) ganha a sciencia official da nação, porque na *Carta Geologica* de Portugal terá de ser representada a formação permeana, que até ao presente NÃO TINHA SIDO RECONHECIDA.

Manuel Barradas.

VAPOR DE RECREIO «AMELIA», PERTENCENTE A SUA ALTEZA O PRINCIPE D. CARLOS (Desenho do artista amador sr. José Pardal)

D'Halloy chamou a esta formação: *peneana* (pobre). Na *Flora fossil do terreno carbonifero* do Porto, Bussaco e Moinho da Ordem, por Bernardino Antonio Gomes denuncia-se a existencia de esta formação — em seguida a umas indicações do allemão Geinitz — dizendo que «de S. Pedro da Cova foram extrahidas tres das formas observadas no *Dyas* inferior (6.ª das zonas de Geinitz, *principal das walchias*, ou a propria do Dyas inferior ou *permeano*) a saber: o *calamites decoratus*, *calamites Gigas e hermetelites giganteus*. As duas walchias (pinniforme e filiciforme) tão espalhadas no *Dyas* inferior, provieram de outra localidade.»

Vemos, portanto, que, segundo Geinitz, são estes os fosseis caracteristicos do *permeano*. Verdade é que este illustrado allemão, mais tarde, modificou as suas ideias com respeito ás zonas carboniferas, depois dos grandes estudos feitos por Shimber e Saporta na Europa, e Leo Lesquereux na America. Mas esta modificação ainda melhor assentua o que dizemos.

É de facto, na edição de 1874 do *Traité de Paleontologie vegetale*, de Shimber, se dão os

vezes, fosseis das formações limitrophes, mas isso nunca póde siguificar que esses fosseis não pertençam *a formações que caracterisam*.

É é assim que as *walchias* e o *calamita gigante* determinam o «permeano», segundo os paleontologos e geologos com auctoridade no mundo da sciencia.

Diz-se tambem que, ás vezes, juntamente com as *walchias* e o *calamita gigante* se encontram o *hemelita gigante* e o *calamita decorado*, plantas determinantes do «*permeano*», porém misturadas com outras especies carboniferas.

Isto porém não é assim, positivamente, porque as especies e generos *caracteristicos de differentes edades geologicas* não se encontram misturadas!

É isto o que as minhas notas, tiradas da obra monumental da *Historia da Luzitania e da Iberia*, dizem, com respeito á existencia do permeano em Portugal.

E é o que se nos offerece dizer da vitrine geologica da Exposição Industrial Portugueza.

E estimamos ter occasião de provar aos nossos leitores, de um modo patente, o alto valor pra-

O REFUGIO DA INNOCENCIA

II

Não tardou muito que a carruagem parasse; elle apeiou-se primeiro, disse ao cocheiro que se demorasse a poucos passos de distancia; estendeu-me a mão para que eu descesse, e disse-me baixinho: — Terá a bondade de me seguir.

Subimos uma escada, pouco acceiada e mal allumiada, que era evidentemente a escada rereservada do predio. Atravessámos um corredor tapetado de juta; na rapida passagem notei que me ficára ao lado uma cosinha grande, onde, de costas voltadas, um criado de barrete branco, dispunha varios objectos n'uma bandeja; a meio do corredor tomámos por uma porta á esquerda, atravessámos uma sala escura, depois o vestibulo d'uma escada allumiada e garrida, e entrámos quasi em seguida n'um gabinete, guiado por um

creado de casaca que apparecêra como por encanto.

Cá dentro elle perguntou ao creado: —É este o gabinete, com certeza?

—Sim, meu senhor.

—É então alli? disse apontando para uma porta ao lado, tapada por um forte reposteiro, de largas dobras.

—Exactamente; já dispuz tudo n'esse sentido.

—Já cá estão?

garrafa, uns objectos de christofle...Uma mão de ferro me opprimia o coração.

Elle disse-me, inclinando-se para mim, e em voz baixa:

—Preste ouvidos, em silencio, ao que se passar n'aquelle gabinete. Sente-se antes n'este sophá, mais perto da porta, para ouvir melhor.

Por momentos não se ouvia senão o tinir de pratos e talheres, e uns passos pesados sobre o oleado. Depois uma voz agallegada, perguntou:

—V. Ex.as não querem mais nada?

claro d'um beijo, e d'outro. e d'outro ainda!...

Ergui-me allucinada; disse em voz que decerto seria conhecida no gabinete proximo, se podesse pelo espirito de alguem passar a suspeita do que alli se estava dando:

—Basta! não necessito de mais nada; vamonos embora.

A voz de meu marido vibrava agora senora e despreoccupada, n'uma comversação animada e intima, que não desejei mais ouvir.

Appoiei-me ao braço do meu companheiro

EGREJA MATRIZ DE CAMINHA — Frente principal (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

—Não ha talvez dez minutos.

Uma risada christalina e alegre saiu do gabinete contiguo.

—Bem, vae-te com Deus.

O creado sahiu immediatamente.

Eu enterrára-me n'um sophá, abatida, envergonhada, com o veu ainda em volta do rosto, olhando machinalmente para as paredes forradas de papel de ramagens cinzentas, com largas fachas carmezins nos angulos; uns quadros com applicações de passaros e coelhos mortos; uma mesa ao centro, com dois talheres postos; ao fundo um aparador, com um galheteiro, uma

E uma voz forte respondeu:

—Eu tocarei; heide querer linguado *au gratin*, se houver.

Era a voz de meu marido.

Julguei cahir fulminada.

Quando turbada me deixei cahir para traz, sobre o encosto do sophá, uma voz me disse ao lado, solicita e doce.

—Então! tenha coragem!

Uma voz de mulher fallava agora; eu ergui-me, como que movida por uma mólla; approximei o ouvido da porta; arredei com o braço convulso e tremulo o reposteiro, e senti perfeitamente o som

de tão terrivel aventura, porque sentia que ia cahir; e arrastada, ás cegas, porque não via absolutamente nada, tal a nuvem que se me puzera diante dos olhos, e descendo á rua, mettemo-nos na carroagem, que rodou até á minha porta.

Elle fez mensão de se pôr de pé, respeitosamente; deu-me as boas noites; eu saltei rapidamente ao chão, e emquanto subia para casa senti a carroagem afastar-se ao longo da rua.

Exhausta e sem forças, metti-me na cama, por sentir que já não podia mais comigo. Quando depois das duas horas meu marido entrava e me julgava adormecida, ardia eu n'uma intensa febre,

que durou a noite inteira e se prolongou por todo o dia seguinte.

Meu marido, vendo-me deveras doente, disse-me.

—Vou mandar chamar F...

Era o amigo, o medico da casa.

Objectei que me parecia que a doença era mais grave do que as que se podiam confiar de amigos intimos; era melhor chamar outro medico.

—Que novidade é essa agora? interrogou meu marido. Isso não passa d'uma das tuas crises nervosas, d'esta vez mais forte, e ninguem melhor do que F... para te tratar, visto que conhece a tua organisação, e sabe o que melhor te convém.

Não quiz insistir, para não levantar suspeitas.

Não tardou meia hora, que o medico não apparecesse; parece que contava com o caso, porque estava em casa, naturalmente á espera de ser chamado.

Veiu immediatamente; trazia o seu ar mais respeitoso, mais natural, mais familiar. Receitou, preparou elle proprio alguns remedios, procurou entreter-me contando anecdotas, conversou muito com meu marido, e retirou-se depois de uma longa visita, promettendo voltar á noite. Eu não lhe disse palavra; permaneci d'olhos fechados, serena; e assim me veiu encontrar á noite.

Meu marido sahira; depois de um curto interrogatorio á creada, que lhe disse que eu me obstinára absolutamente a não tomar remedios e alimentos, elle buscou um pretexto para a mandar para fóra do quarto, e pousando a sua mão sobre as costas da minha, que eu deixára cair, abandonada, sobre os lençóes, disse-me com a sua voz mais cariciosa e meiga:

—Perdoe-me o mal que lhe fiz; foi uma loucura! é que eu queria a todo o preço conquistar o seu amor. Mas acabou-se, não fallemos mais n'isso! juro-lhe que se fizer deligencia para se pôr boa, se mostrar que é superior e forte, me afastarei de Lisboa, e nunca mais terá de soffrer nem a importunidade do meu affecto, nem a contrariedade de se sentir na presença de quem, n'um momento de egoismo, a pôz ao facto do que devia para sempre ignorar.

Prometta-me que se deixa tratar.

—Não, lhe respondi n'um tom resoluto; quero morrer!

—Não o fará, porque seria n'esse caso uma criminosa.

Eu abri os olhos que até então guardára cerrados, interrogando-o.

—Sim! continuou elle; praticaria um crime; porque matando-se matava tambem esse pequeno ser innocente que já começa a palpitar no seu seio. Não quererá assumir essa gravissima responsabilidade!

Senti-me estarrecida! o que eu estava fazendo era realmente um attentado. Cerrei de novo os olhos, onde eu sentia subirem todas as lagrimas que tinha no coração!

N'essa mesma noite pedi um caldo, tomei os medicamentos, e, coisa singular, comecei a sentir como que um sentimento de gratidão pelo homem que evitára que eu praticasse um crime, que nada no mundo podia justificar. Seria elle sincero na affeição que me manifestava? Esta interrogação pairou no meu espirito durante as longas horas febris da vigilia.

No dia seguinte disse-lhe que tinha seguido as suas prescripções medicas, e pareceu-me ver illuminarem-se-lhe os olhos.

Encheu-me de carinhos e de cuidados, durante a doença que, ainda assim foi demorada, e na convalescença, n'aquelles momentos suaves em que o espirito se nos enche de aspirações vagas, e o coração de desejos indefiniveis...elle foi o meu companheiro solicito, nas horas em que meu marido me deixava sósinha, entregue ao meu scismar irrequieto, e ás conturbações do meu desgosto...

N'uma d'essas horas, o homem que um mez antes me ouvira rugir de indignada diante da sua humilde declaração d'amor, possuia-me inteira e absolutamente!...

É claro que, d'ahi em diante, foi outra a minha vida. Ligada a um homem que continuava nos habitos da sua mocidade livre e aventurosa, cedo perdi todos os recatos, todo o respeito pelas conveniencias sociaes, gostando doidamente de me apresentar com elle em publico, de guiar no campo, e mesmo na cidade, de noite, um tilbury, levando-o ao meu lado; de assistir ás suas ceias de rapaz, fumando, bebendo champagne, associando-me ás mulheres que, em condições eguaes á minha, se ajuntavam n'aquelles intimos festins, onde o fructo prohibido se tornava tão apetecido de tragar!

Taes foram as alegrias da minha vida! tal foi a minha desgraça!

Meu filho, que eu tivera mezes depois da transformação enorme que se operára na minha existencia, foi crescendo e affeiçoando-se a mim; seu pae acabou por comprehender a situação que, cego pelo seu lado, muito tempo não conheceu. Veiu a separação, evitando-se comtudo o processo que seria um escandalo, e que, como disse, me sujeitava talvez a ficar sem o meu filho. De modo que o arrasto comigo, egoistamente, no caminho dos meus infortunios.

—Mas então agora, é esse homem...

—Esse homem, hoje, é para mim um desconhecido...passamos um pelo outro, como se nunca nos houvessemos visto.

—N'esse caso...

—N'esse caso...disse ella, erguendo-se e tomando-lhe da mão; n'esse caso...peço-lhe que não interrogue...O que já sabe é bastante para que as illusões que tenha concebido a meu respeito, as esperanças, que por ventura lhe tivessem restado, cáiam de todo. Mas se ainda lhe ficar um resto de estima e de amizade por mim, guarde-a como um thesouro, que eu bem preciso d'ella, no coração dos raros que a possam ainda ter por aquella que conheceram boa, e honesta. Seja meu amigo, se póde; não me procure mais, porém lembre-se de mim, d'aquella doce companheira da sua infancia que tanto pareceu amar, e tão pouco digna soube ser do seu affecto.

A noite cerrára-se de todo; elles estavam de mãos seguras, junto da janella; acabava de se accender de fronte o candieiro de gaz, que lhe illuminou a elle, em cheio, o rosto. Duas gottas d'agua lhe borbulhavam nos olhos.

Ella puchou-o a si; poisou-lhe sobre os cabellos um beijo rapido e affastou-o com um movimento brusco, dizendo:

—Vá-se embora! adeus! adeus!

Conduziu-o até á porta, que nem se deu ao trabalho de fechar, e atirou-se para cima d'um sophá, onde permaneceu muito tempo, immovel, com os olhos fitos no espaço, como quem segue uma visão ou um sonho.

Dissera-lhe tudo... ou pelo menos o bastante para que lhe não restassem motivos para phantasiar sobre as circunstancias desgraçadas da sua vida. Não lhe dera a ler a ultima pagina, que o destino escrevera ainda com mais negras côres, depois do abandono a que a votára o homem que, durante algum tempo, a tornára o joguete dos seus caprichos, e dos seus prazeres desordenados.... Para que alienar completamente de um coração onde ella tivera uma estima sincera, e uma adoração desinteressada, tudo que lhe podia ainda dar o ente que um dia a amára?....

A sua historia d'hoje era a de tantas mulheres, que perdida a flôr da dignidade propria, convertem o amor n'um contracto. Era isso o que ella desejaria ser? não, mas era o que tinha de ser fatalmente, nas suas circunstancias.

Immersa n'estas cogitações, não sentiu os passos d'alguem que entrava na sala; só quando o viu defronte, se ergueu precipitadamente, dizendo:

—Ia agora mesmo escrever-lhe.

Era um homem de idade, de presença agradavel e aspecto fino. Approximou-se e beijou-a na face.

—Sinto-me muito incommodada, continuou ella, e ia-me já deitar. Tenho uma enxaqueca terrivel e sinto uma necessidade immensa de me achar só.

—O pequeno? lhe perguntou elle.

—Saiu com a creada; mas não póde tardar. Vou repousar; nem espero por elle.

E quando se viu só:

—Oh! não! não!... Deixem-me viver um pouco no esquecimento absoluto d'esta existencia horrivel. Deixem que eu esqueça por momentos a realidade que me cerca! Oh! deixem-me sonhar!...

Uma voz infantil veiu perturbar aquella solidão:

—Mamã! mamã!

—Vem, vem meu filho! Anda cá, e beija muito, muito a tua mãe.

E o pequenino ser de tres annos, marinhandolhe para o collo, passou-lhe as mãosinhas aveludadas e frescas pelo rosto e perguntou-lhe com um beicinho encantador.

—Góta de mim, mamã?

—Muito, meu amor.

—Então fá uma coisa ó nini?

—Tudo que tu quizeres.

—Deixa o nini dormi com a mamã?

—Oh! sim! sim! muito juntinhos, e muito amiguinhos, sim?

—Po xim!...

Pouco depois, a solitaria alcova, era illuminada pelo doce sorriso d'uma creança que, passados os bracinhos rosados e nus em volta do pescoço de sua mãe, a cobria de beijos e de caricias, exclamando com a sua carinha mais radiante:

—Mamãsinha, que bom! que bom!

Christovam Ayres.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

O Leitão ao ouvir esta tremenda ameaça estremeceu e lançou um olhar inquieto a sua mulher, inquieto e supplicante, como que pedindo-lhe soccorro.

Mas a sr.ª Leitão não fez caso d'esse olhar e em vez de conjurar o perigo, provocou imprudentemente, reforçando a lembrança da D. Ephigenia.

—É verdade, o Dominguinhos podia agora acabar...

A Ignacinha ia tambem para juntar a sua voz a esse pedido, mas lembrou-se a tempo de que estava amuada e conservou-se em reservado silencio.

O Dominguinhos notou essa reserva, despeitou-se com ella, e exactamente de rebendita poz-se logo em pé, accedendo amavelmente, promptamente, ao convite que lhe faziam.

—Estou ás suas ordens, com todo o gosto, disse elle voltando-se para a dona da casa.

O sr. Leitão não teve mão em si e poz-se em pe ao mesmo tempo, como se o Dominguinhos viesse aggredil-o e elle se preparasse para a defeza.

Poz-se em pé mas não disse nada, porque lhe faltou a coragem.

O acaso, porém, foi-lhe propicio.

Elle a levantar-se e a sineta do passeio a dar o seu toque de sahida.

E então sem se importar inteiramente nada com o Dominguinhos, que voltando para junto da cadeira recomeçava a declamar, agora com uma grande *pose*: «Eu amo a tempestade!» o sr. Leitão disse de cá, do outro extremo da sala, em voz alta e intelligivel, e com bem fingida admiração:

—O que? já é meia noite!—

—Meia noite! repetiu o sr. Pereira. Não póde ser!... É ainda o primeiro toque.

—Nada, em noite de fogo não ha senão um toque para a sahida.

—Ha dois, papá! emendou de lá a Ignacinha sahindo do seu silencio.

—Ha só um, menina! insistiu o Leitão olhando-a severamente.

—Não senhor, papá: ha dois ou tres, n'isso é que eu não estou bem certa, mas mais d'um ha com certeza.

—Não ha tal! teimou o pae em quem a vontade de lhe puchar as orelhas era como cruzados novos: não ha tal! Em dia de fogo é só um!

—Eu amo a tempestade! interrompeu o Dominguinhos repetindo a phrase esperando assim pôr ponto no debate e poder affim impingir a sua descripção do incendio.

—Não senhor um só é que não é! tornou não se dando por vencida a Ignacinha, que além de ser cabeçuda como aquellas que o são tinha a convicção de, d'esta vez, ter a razão do seu lado.

—Não teimes Ignacia, aconselhou o pae já muito asedo, em dias de fogo é só uma.

—Queira desculpar, sr. Leitão, observou a menina Alice mettendo-se galhofeiramente no debate por perceber que isso contrariava massava o Dominguinhos, queira perdoar, mas são tres.

—Ah! vê? disse triumphante a Ignacinha.

—Não são tal! Eu até tenho reparado n'essa singularidade. Nos dias ordinarios toca tres..

—Eu amo a tempestade! repetiu pela terceira vez o Dominguinhos muito encavacado já, e n'um tom muito alto, quasi que gritando, para dominar as vezes que discutiam:

—São tres, são, senhor Leitão, confirmou o Quim, empurrado, mettido á bulha pela Alice, que começava a achar immensa graça á partida.

—O meu amigo está equivocado; ora venha dizer-me a mim, que moro aqui, que ouço todas as noites a sineta...

—Lá isso não quer dizer nada, atalhou judiciosamente a menina Alice, rebatendo o argumento; tambem a Ignacinha mora aqui, creio eu.

—E' crê muito bem, disse a D. Ephigenia muito vermelha, muito irritada por comprehender todo o manejo perfido da Ignacinha. Então onde havia de morar uma filha senão em casa de seu pae?

—Pois é isso mesmo que eu digo, concordou a Alice, fingindo não perceber o tom aggressivo da mãe do seu antigo namorado; ella mora aqui e se isso é rasão para saber os usos e costumes da sineta do passeio, tanto no caso de os saber está ella, como o sr. Leitão.

—Eu amo a tempestade! gritou como um possesso o Dominguinhos já nos paroxismos da colera.

—Sim, sim, mas a minha filha é uma criança e eu sou já um velho, cheio de cabellos brancos, tornou imbecilmente o Leitão sem encontrar outro argumento a oppor.

—Perdão! eu não sabia que era preciso ter cabellos brancos para saber quantas vezes toca a sineta, tornou a Alice em tom de chacota.

—Então, menina, reprehendeu a mãe da Alice, com medo de que o Leitão se melindrasse com aquelle tom atrevido.

—Eu amo a tempestade! esganiçou em falsete o Dominguinhos com as esperanças quasi perdidas de se fazer ouvir.

A D. Ephigenia, toda nervosa, não podendo ter mais tempo mão em si, gritou tambem:

—Schiu! Calem-se! Meu filho ama a tempestade.

Perante aquella ordem dada no tom marcial, malcreado, de quem não admitte replica, o Leitão metteu a viola no sacco e a discussão cessou sem elle alcançar o fim a que mirava.

E então o Dominguinhos aproveitou esse momento de silencio para, pegando na phrase tantas vezes repellida «Eu amo a tempestade» seguir por alli fóra rapidamente antes que apparecessem mais obstaculos.

Effectivamente deixaram-n'o seguir.

Mas estava escripto que o Dominguinhos não poderia passar do «E fogo! E fogo!»

Exactamente quando elle dizia esta phrase já nossa conhecida, com muita convicção, a menina Ignacinha levantou-se triumphante d'um lado, a menina Alice do outro, e ambos ao mesmo tempo em duetto disseram com um ar victorioso olhando para o sr. Leitão.

—Então o que dizia eu?

O Dominguinhos olhou-as aturdido, estupefacto, sem saber o que queria dizer aquillo.

O Leitão accudiu logo á deixa:

—Então o que? perguntou elle fazendo-se desentendido.

—Não ouve a sineta outra vez? explicou a menina Alice.

E era verdade. A sineta tocava pela segunda vez.

—E verdade não ouve a sineta! perguntou tambem o Quim.

—Pois é coisa nova d'hoje, disse o Leitão não querendo ainda dar o seu braço a torcer.

—E esta é que é a ultima, disse a Ignacinha porque é repenicada, não ouve?

—Então é já meia noite! repetiu o Leitão enchendo a bocca com a «meia noite».

E como não lhe pegassem na deixa continuou no tom lamentoso

—Ora como as noites passam depressa! Meia noite já!

Persistindo o mesmo silencio, não lhe apanhando ninguem o mote para glosar, o sr. Leitão proseguiu dirigindo-se directamente ao sr. Pereira.

—O seu Pereira, o sr. a que horas se levanta!

—Conforme, não tenho hora certa, ás seis, ás sete, as oito, mesmo algumas vezes; é segundo a hora a que me deito...

—Pois eu ás cinco estou sempre em pé... sou o galo da casa.

—Lá isso é verdade, confirmou a esposa, a sr.ª Leitão.

—Mas deita-se cedo? perguntou o Pereira.

—Cedo não, á meia noite: á meia noite é muito boa hora para a gente se recolher...

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

O GRANDE JURY DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA. Tem tido algumas sessões o grande jury da Exposição Industrial Portugueza de que é presidente Sua Alteza o duque de Coimbra, vice-presidente o general João Chrysostomo de Abreu e Souza, e vogaes os seguintes srs.: Hintze Ribeiro, Fernando Palha, dr. Joaquim Tello, Antonio Ennes, Augusto Machado, José Julio Rodrigues, Oliveira Martins, Manoel Affonso Espregueira, Gaspar Gomes, Augusto José da Cunha, Venancio Deslandes, Neves Cabral, J. Tedeschi, Motta Pegado, Jeronymo Ferreira da Silva, Antonio Diogo da Silva, Pedro Ignacio Lopes, Frederico Oom, Pinto de Magalhães, Francisco Maria da Cunha, Agostinho Lourenço, João Manoel Cordeiro e visconde de Paço d'Arcos,—servindo de secretarios os srs. dr. Tello e Augusto Machado. No regulamento approvado estão consignados os seguintes principios: 1.º—Direito de reclamação das decisões dos jurys, para os mesmos jurys, subindo o processo ao grande conselho de presidentes para resolver a final. 2.º—Fiel observancia da lei de 4 de julho de 1883 sobre marcas de fabricas. 3.º—Numero illimitado de recompensas. 4.º—Declarados fóra do concurso os productos dos estabelecimentos do estado, sem prejuizo de recompensa votada pelo grande conselho de presidentes, dos directores, chefes de serviços e quaesquer outros cooperadores. Brevemente, visto como cada um dos membros do grande jury representa um jury de especialidade, virão a publico as suas decisões. Além de que a demora nas decisões seria prejudicial a alguns expositores, por isso que póde dar logar a que, por motivo do tempo, se damnifiquem os objectos expostos. E não nos consta que o jury regulamentasse ainda algum desconto para esse damno não collaborar em decisões desfavoraveis.

DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS. A Associação Commercial de Lisboa celebrou uma sessão solemne, no dia 25 do mez findo, para distribuir os premios que resolveu conferir aos alumnos mais distinctos do Instituto Industrial de Lisboa que concluiram este anno o curso commercial. Presidiu á assembléa o sr. Polycarpo Anjos, que leu um excellente discurso apropriado ao acto. Fallou depois o sr. Motta Pegado com grande proficiencia, e o sr. Simões d'Almeida elogiando a digna Associação Commercial por ter estabelecido aquelles premios que assim vinham galardoar os estudantes applicados e intelligentes. Os alumnos premiados foram os srs. José Augusto Moreira d'Almeida, com 300$000, e Augusto Patricio Prazeres com 200$000. Agradecemos o convite que a benemerita Associação nos enviou.

ANTONIO FOGAÇA. Falleceu em Coimbra este joven poeta, que era um verdadeiro talento, um poeta de raça. Tinha um futuro risonho, que a morte brutalmente destruiu. Deixa um livro de versos, o seu primeiro e ultimo livro, *Versos da Mocidade*, além de muitas poesias dispersas em varias publicações litterarias. Antonio Fogaça succumbiu a um typho, para combater o qual, foram impotentes todos os esforços da sciencia e todas as dedicações dos amigos e seus condiscipulos na universidade, onde elle cursava com grande aproveitamento, o terceiro anno de direito. O infeliz moço morreu no dia 27 do mez passado, e já nos paroxismos da morte a sua musa não o desamparou e assumiu-lhe aos labios a seguinte quadra:

O sol era meu amigo...
Mas como tanto se eleva,
Um dia que fui comsigo
Cahi, rolando na treva...

Depois a voz embargou-se-lhe na garganta, os olhos cerraram-se-lhe, e sobre as faces rolou-lhe uma lagrima. Era a derradeira, a lagrima da morte. Pobre poeta.

MORTE DO PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO HELVETICA. Falleceu no dia 28 de novembro o sr. Hertenstein, presidente da confederação Helvetica da Suissa, um grande patriota, a quem o seu paiz deve os mais assignalados serviços. Hertenstein nasceu no cantão de Zurich, em 1825, e soube elevar-se ao mais alto cargo da republica, pelos seus meritos excepecionaes, conquistando a mais justa popularidade no seu paiz. Foi um administrador intelligente e escrupuloso, que cuidou com verdadeiro amor dos interesses da sua patria. A elle deve a Suissa as fortificações de Saint-Gothard, que a defende de qualquer invasão da Italia, assim como muitas outras medidas de interesse publico que mostram a boa organisação do seu governo. Pela morte de Hertenstein assumiu a presidencia da republica o sr. Hammer que era o vice-presidente.

O CASO DE RAIVA DE JOSÉ ALLEN. As duvidas que ultimamente se levantaram sobre a exactidão do diagnostico feito pelos medicos, que trataram o infeliz José Allen, classificando de raiva a doença a que elle succumbiu, acabam de se desfazer, em presença da declaração do professor Grancher, collaborador de Pasteur, a qual confirma o diagnostico feito pelos medicos portuguezes. Essa declaração é feita em uma carta dirigida ao sr. dr. Eduardo Burnay, concebida nos seguintes termos: «O bolbo em questão, inoculado, deu a raiva. Portanto não ha duvida. Os animaes inoculados foram tomados de raiva ha dois dias, e o sr. Roux o participou desde logo ao consul de Portugal e ao director do Hospital de Marinha de Lisboa.»

AS SENHORAS DE CHAPEU NOS THEATROS. É de todos que frequentam as plateias dos theatros, conhecido, o incommodo que as senhoras fazem na plateia com os seus chapeus enormes, tapando a vista da scena aos pobres espectadores que lhe ficam por detraz. Para remediar este inconveniente, um emprezario de um theatro em Bruxellas, afixou na entrada da plateia um aviso em que convidava as senhoras a deixarem os seus chapeus no guarda-roupa-toucador do theatro, exceptuando d'esta medida as senhoras de maior edade. Escusado será dizer qne não tornaram a apparecer na plateia senhoras de chapeu, mesmo velhas que fossem.

UM CAMINHO DE FERRO INTERNACIONAL. Alguns capitalistas inglezes e americanos acham-se empenhados em levarem a effeito um caminho de ferro internacional que, partindo de Buenos-Ayres, seguindo a linha da costa oriental do continente, passando pelo Paraguay, pela Bolivia, pelo Perú e Equador até Bogota, nos Estados-Unidos da Colombia, e dirigindo-se d'ahi a Cartagena ou ao Isthmo de Panamá, se ligue com a rede dos caminhos de ferro dos Estados-Unidos da America. A distancia que este caminho de ferro terá a percorrer é de 3.218,630 kliometros. N'esta grande linha ha cerca de uma terça parte construida, porque serão aproveitadas as linhas já feitas nos differentes paizes que atravessa.

EXPOSIÇÃO DE ESCULPTURA. O sr. Thomaz Costa, estudante de esculptura na escola de Paris, fez exposição de duas estatuas, obra sua, na sala do *Commercio de Portugal*. As estatuas são duas magnificas esculpturas e uma d'ellas esteve no *Salon*. Suas Magestades El-rei D. Luiz e a Rainha D. Maria Pia, visitaram esta exposição e elogiaram o trabalho do sr. Thomaz Costa, que confirma plenamente d'este modo os premios que tem alcançado no seu curso.

VELLAS DE CEBO HUMANO. É extraordinario o que refere um jornal inglez, de um caso acontecido na Russia. Foi encontrado n'uma floresta dos arredores de Graivoron, o cadaver de um homem todo mutilado, em que faltavam grandes pedaços do corpo. Indagando-se o que dera causa a este assassinato, poude-se saber que dois camponezes tinham morto aquelle homem com o fim de lhe extrahirem o cebo ou gordura, para fabricarem vellas! o mais curioso, porem, é que o movel d'este crime, foi a susperstição que o povo do sul da Russia tem, de que as vellas de cebo humano, permittem a impunidade a todo aquelle que possuindo-as, se sirva d'ellas para, á sua luz, commetter qualquer crime!

DORA DE ISTRIA. Falleceu em Florença a princeza Helena Koltzoff-Mossaloky, conhecida escriptora, sob o pseudonymo de Dora de Istria. Foi uma assidua collaboradora da *Revista dos Dois Mundos* e do *Figaro*, e deixa algumas obras de merecimento.

ESCREVER PELO TELEGRAPHO. Começa a funccionar, nos Estados-Unidos, um novo apparelho que permitte o escrever pelo telegrapho. Um engenheiro inglez, Couper, inventou ha annos um apparelho para este fim e por essa occasião Carlos Robesteou inventava tambem outro apparelho com o mesmo destino, mas mais perfeito que o primeiro. Pode-se escrever pelo telegrapho, fazendo uso de um ponteiro que o apparelho tem, e com o qual se traçam dentro de um espaço limitado, as palavras que se querem transmitir. A pessoa que escreve não vê as letras que faz, mas depois passa-lhe diante dos seus olhos uma fita de papel, onde está escripto tudo com a sua propria letra. Ao mesmo tempo outra fita egual a esta, passa á vista da pessoa a que se escreve, a qual deverá estar em logar conveniente para receber a communicação. D'este modo podem tratar directamente as pessoas interessadas, sem intervenção de terceiro e com o mesmo segredo d'uma carta.

PREMIO ALVARENGA. A Academia de Medicina de Paris foi authorisada pelo governo francez a acceitar o legado que o medico portuguez Alvarenga, fallecido em 1882, lhe legou, para o estabelecimento de um premio annual ao auctor da melhor memoria ou outra qualquer obra sobre medicina. Não sabemos, porém, como a Academia alcançara este legado, visto que o testamento, nos parece ficou inexequivel por não se poder cumprir nas muitas clausulas que continha.

A Escravatura no Brazil. Pelo ultimo recenciamento feito no Brazil, sabe-se que existiam no imperio 723:419 escravos maiores de 17 annos e menores de 60, os quaes passaram ao estado livre, em virtude da lei de 13 de maio do corrente anno. O valor legal da propridade dos escravos era de 485.225:211$584 réis.

Frei Luiz de Granada. Vae festejar-se em Granada com grande explendor o tri-centenario de frei Luiz de Granada, notavel escriptor hespanhol que viveu no seculo xvi e passou boa parte da sua vida em Portugal, na corte de D. João iii. Quando este monarcha morreu, e ficou regendo o reino a sua viuva, a rainha D. Catharina, durante a minoridade de seu filho D. Sebastião, foi frei Luiz de Granada escolhido pela regenta para preceptor do jovem principe. Esta escolha, porém, não agradou aos jesuitas, que trataram por todos os meios de influir no espirito da rainha para que esta aceitasse para mentor de seu filho, a Luiz Gonçalves da Camara, que era todo devotado aos interesses da Companhia de Jesus, o que conseguiram. Por isto se prova a insensão de frei Luiz de Granada, espirito superior, a quem as riquezas da poderosa Companhia de Jesus não fascinavam, tendo elle aliáz talento de sobra para entrar ao seu serviço. Frei Luiz nasceu em Granada, em 1505 e falleceu em 1588. O tri-centenario do illustre frade dominico é celebrado com a inauguração de uma estatua levantada á sua memoria pela camara de Granada, e a mesma camara conferirá um premio ao auctor da melhor monographia com documentos publicados e ineditos a respeito da vida e obras de frei Luiz de Granada.

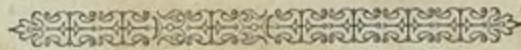
As escriptoras de todos os paizes. Vae organisar-se em Paris, por iniciativa de mademoiselle Walska, uma bibliotheca de todas as obras poeticas, scientificas e historicas, etc. pruduzidas pelo sexo femenino. Devem, portanto, figurar n'esta bibliotheca todas as obras litterarias, antigas e modernas, de auctoras procedentes de todas as nacionalidades, o que deverá ser extremamente curioso, conhecer o valor do trabalho intellectual da mulher desde a antiguidade até hoje, na litteratura e nas sciencias. Esta bibliotheca terá o seu logar na exposição de Paris de 1889 e vae ser incontestavelmente uma das coisas mais interessantes d'esta exposição.

Museu Agricola e florestal de Lisboa. No edificio, na Tapada da Ajuda, onde se effectuou a exposição agricola, em 1884, vae-se estabelecer um museu agricola e florestal, com exposição permanente de productos agricolas e florestaes, renovada nas epocas competentes pelos expositores. O fim principal d'este estabelecimento é facilitar o commercio agricola, fornecendo aos productores e consumidores todas as informações que melhor convenham para a collocação ou acquisição dos productos. A exposição constará de: cartas chorographicas, hydrographicas, orographycas, geologicas, climatologicas, agrologicas, agricolas e florestaes do paiz, comprehendendo em especial as regiões agronomicas, ou circunscripções florestaes; collecções de terras, subsolos e rochas interessantes de cada região agronomica; collecções de adubos e correctivos; collecções de productos agricolas e florestaes, com indicações summarias das condições em que foram ou podem ser creados ou manufacturados: collecção de desenhos de machinas e mais instrumentos usados na agricultura, etc.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Affirmações e Duvidas *sobre os ultimos progressos da hygiene* por A. M. da Cunha Belem e Guilherme José Ennes, delegados de sua ex.ª o ministro da guerra. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888. Um vol. de 376 paginas, a que os seus auctores deram o sob-titulo *Echos do Congresso de Vienna*. N'este livro dão conta os illustres medicos militares, srs. Cunha Belem e Guilherme Ennes, do qne se passou no congresso de hygiene, reunido em Vienna d'Austria, em setembro de 1887. Um congresso enorme a que coucorreram delegados de todos os paizes da Europa, e em que se apresentaram milhares de questões, parte das quaes não chegaram a ser discutidas por falta de tempo. O livro está dividido em quatorze capitulos, pela seguinte fórma: A sessão solemne; — Modos da propagação da febre typhoide; — Estiologia e prophylaxia do cholera; A prophylaxia internacional das epidemias; — A pratica de desinfecção; — Os trapos e a saude publica; — Hospitaes de isolamento — A hygiene e as escolas (o ensino da hygiene); — A hygiene e as escolas (vigilancia medica das escolas) — Vaccinação; — Inoculações anti-rabicas; — Illuminação pelo gaz e luz electrica; — Anthropometria medico-militar; — Para concluir; Epilogo. Todas estas questões foram tratadas no congresso e d'ellas dá relação o livro de que vimos de fallar, com a proficiencia conhecida e boa critica dos seus auctores.

La Prophylaxie Internationale du Cholera en Portugal *par A. M. da Cunha Belem e Guilherme José Ennes délégués de M. le ministre de la guerre — Memoire présenté au congrès d'hygiène de Vienne et suivi de l'appréciation des doctrines et des faits exposés dans le même congrès. Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1888.* Um vol. de 145 pag. Exposição apresentada ao congresso de Vienna, das medidas prophylaticas adoptadas em Portugal contra a invasão do cholera em 1884, 1885 e 1886, medidas a que, dentro do campo da sciencia, não póde deixar-se de attribuir o nosso paiz se ter conservado indemne da terrivel epidemia. A questão da prophylaxia do cholera foi uma das mais debatidas no congresso, mas nem por isso foi das que fizeram mais luz no assumpto, prevalecendo a idéa da inutilidade dos lazaretos, parecendo que n'este ponto o congresso se importou muito mais com os interesses do commercio, que os lazaretos prejudicam, do que com os interesses humanitarios, para tratar dos quaes se tinha reunido. E isto o que transparece na memoria apresentada pelos srs. Cunha Belem e Guilherme Ennes, dos resultados d'esta parte do congresso.

Felisberto de L'Orme. *Biographias de homens célebres dos tempos antigos e modernos,* David Corazzi, editor, Lisboa. E' o n.º 22 d'esta collecção de biographias, consagrado a Felisberto de L'Orme, o grande architecto francez do seculo xvi.

AFRICA PORTUGUEZA — Quissanga (Segundo uma photographia de Moraes)

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa